



Evento	Salão UFRGS 2017: XIII SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
Ano	2017
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	A ELABORAÇÃO DE INSTRUMENTOS NAS PRÁTICAS DO ENSINO DE GEOGRAFIA CRÍTICA. UMA EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO I - ENSINO FUNDAMENTAL - 6 ANO
Autor	MARINA VARGAS LEONHARDT
Orientador	MAÍRA SUERTEGARAY ROSSATO

RESUMO: O objetivo deste trabalho é apresentar e avaliar as atividades desenvolvidas durante a disciplina de estágio obrigatório I - Ensino Fundamental com o 6º ano (turma Amora IA), no Colégio de Aplicação da UFRGS. Tais atividades, referentes ao planeta Terra, mais especificamente à geologia (dinâmicas internas do planeta e suas consequências na vida humana), geraram instrumentos para análise e estudo do ensino de geografia em sala de aula. Foram utilizados/elaborados: 1) modelo das camadas do planeta Terra; 2) livro das camadas do planeta; 3) fita/linha do tempo geológico; 4) placas tectônicas de e.v.a.; 5) cartilha de campo. Estes instrumentos se fazem importantes, pois o 6º ano do ensino fundamental, é para muitos alunos estágio de transição do sistema das operações concretas para operações formais (PIAGET, 1950). Além disto, instrumentos como os elaborados contribuem e constroem um “quebra-gelo” e/ou momento “desequilibrante” (CASTROGIOVANNI, 2002) que é de extrema relevância para iniciar uma aula atraindo a atenção dos alunos para uma apresentação mais complexa que esteja por vir. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para geografia ensino fundamental nos anos finais (6º ao 9º ano) fazem uma crítica à geografia tradicional, pois esta, com seus métodos tornam-se insuficiente para apreender a complexidade e (principalmente) explicar os conteúdos geográficos. Assim, os materiais elaborados propõem um ensino mais dinâmico e interativo na expectativa de suscitar um ensino crítico - que não acredita na transmissão de conhecimento, como dito nas propostas da pedagogia da autonomia (FREIRE, 1996) e prevê a construção do conhecimento trazendo a geografia para o cotidiano do aluno (KAERCHER, 2004) - para assim combater o ensino tradicional que torna os conteúdos que por muitas vezes pragmáticos e rígidos. Assim todas as atividades foram construídas de modo que os alunos pudessem construir as respostas a partir do que lhes tinha sido mais evidente e/ou marcante, e não perguntas que propunham respostas “exatas” (sim!; não! ; “capital do Brasil: Brasília!), foram utilizadas na cartilha de campo por exemplo: “*Na sua opinião o ser humano é o ser vivo mais importantes na história do planeta? Por quê?*”. Assim, para investigar o impacto gerado e os conhecimentos desenvolvidos a partir das atividades propostas (com a intenção de produzir uma aprendizagem que suscite o ensino de geografia crítica) foram avaliadas a resolução das atividades registradas nos cadernos e a cartilha de campo, além da observação e do acompanhamento dos estudantes em sala de aula. Também foi solicitado aos estudantes que respondessem a um questionário com perguntas sobre as aulas da disciplina. O questionário era pautado em uma pergunta: “*O que você se lembra e/ou aprendeu neste dia?*”, para cada um dos dias de aula (em maio dias: 08,15,22,27 e 29; em junho: 5 e 12), pontuando o que havia sido trabalhado em cada aula, por exemplo: Na primeira aula em 8 de maio: *Apresentação da professora e da turma e atividade com o globo, escolhendo que país achava mais interessante.* Assim havia cinco espaços para que os estudantes completassem com o que lhes estivesse registrado na memória. A partir dos dados levantados, verificou-se que todos os instrumentos utilizados nas aulas, foram lembrados 28 vezes num total, sendo que as placas tectônicas de e.v.a. não foram citadas por nenhum aluno. Aponto ser um pequeno valor sendo cinco instrumentos apresentados a 27 alunos, entretanto, foi possível identificar nas respostas informações específicas e profundas sobre o conteúdo, o que demonstra que as aulas propiciam sim uma compreensão sobre a disciplina de geografia, mais especificamente o conteúdo de geologia e por si as dinâmicas internas do planeta e suas consequências. A fita de 12 metros que representa a escala do tempo geológico (utilizada na aula do dia 29 de maio), demonstrando a presença do ser humano somente nos últimos 4 centímetros, foi lembrada somente 4 vezes, contudo, as impressões sobre a escala do tempo geológico aparecem 11 vezes e atividade da linha do tempo da vida (aprendi mais sobre minha vida), 12 vezes. Por exemplo na resposta de uma estudante, consta sobre a aula: “*Aprendi que as escalas do tempo são muito diferentes.*”; ou “*Eu aprendi o tempo das coisas que acontecem na terra e vi o tempo que estamos (nós, seres humanos) na terra*”. Com estas respostas fica claro que os conteúdos foram significados, por mais que o instrumento em si não tenha sido lembrado, este cumpriu o seu papel. Ainda que sejam inovadores e atraentes, os instrumentos por si só não constroem um ensino de geografia crítica, que reconheço nas práticas do estágio quando estas foram embasadas numa metodologia que apresenta os conteúdos de forma expositiva e interativa (aí resalto que não seria ninguém sem meus instrumentos, o globinho, a fita...) mas estando (principalmente) relacionado ao que é conhecido dos alunos (suas práticas e vivências cotidianas, ou seja, seu bairro, sua cidade, o que acontece com sua família) é que tornam-se significativos e assim ocorre o aprendizado. Assim, a forma de propor as atividades (com perguntas “abertas”, com espaço para fala dos alunos - sendo contribuições ou dúvidas-, são o caminho para um ensino crítico de geografia, evidenciando o que nos diz KIMURA, 08 com a ideia de qualidade de ensino socialmente significativo.

PALAVRAS-CHAVE: ensino; geografia.